



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ADELE CAROLINE MAIA DA SILVA

O ERRO NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ADELE CAROLINE MAIA DA SILVA

O erro no processo da aprendizagem

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor orientador (a) :Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, Adele Caroline Maia da
O erro no processo da aprendizagem [manuscrito] / Adele
Caroline Maia da Silva. - 2014.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Educação".

1. Ensino Fundamental 2. Aprendizagem 3. Erro no
Processo de Aprendizagem I. Título.

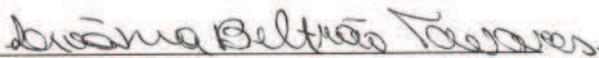
21. ed. CDD 370.152 3

ADELE CAROLINE MAIA DA SILVA

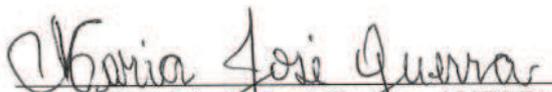
O erro no processo da aprendizagem

Aprovada em 18/06/2024

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.



Prof^a Me. :Livânia Beltrão Tavares / UEPB
Orientadora



Prof^a Dr^a. Maria José Guerra. / UEPB
Examinadora



Prof^a Dr^a Valdecy Margarida da Silva / UEPB
Examinadora

RESUMO

O presente artigo trata da concepção do erro no processo de aprendizagem do aluno sob a ótica dos professores de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, tanto da rede pública, quanto da rede privada de ensino da cidade de Campina Grande-PB, além de traçar um perfil dos professores com relação ao ensino e aprendizagem de seus alunos. Para realização dessa pesquisa tomou-se como base aspectos teóricos, fundamentados principalmente nos autores Jussara Hoffmann e Carlos Luckesi, em seguida, pesquisa de campo através da aplicação de questionários. Um total de dezesseis professores foram submetidos ao referido questionário, sendo divididos igualmente por redes de ensino. Foram levados em consideração aspectos como idade, formação acadêmica e tempo de atuação. A pesquisa, além de nos proporcionar as respostas pretendidas, ainda nos trouxe alguns questionamentos, que nos leva a refletir sobre o funcionamento das práticas educacionais adotadas pela comunidade escolar. Um fator positivo dentro desse contexto consiste na constatação de que os professores adotam uma postura democrática com relação as suas práticas, voltada ao aprendizado de seus alunos. No entanto, não podemos deixar de refletir sobre a postura das instituições privadas de ensino que legisla em prol de uma sociedade dominante e que apesar do modelo democrático adotado pelas instituições públicas, temos um sistema de ensino ainda bastante fragilizado.

Palavras-Chaves: Erro. Ensino. Aprendizagem.

Abstract

This paper deals with the error in the student learning from the perspective of teachers of Year 2 and 3 of Elementary Education, both from the public, as private schools in the city of Campina Grande-PB process also describes a profile of teachers about teaching and learning in their students.

To this survey was taken as basis theoretical aspects, based mainly on the authors Jussara Hoffmann and Carlos Luckesi, continuing field research through questionnaires. A total of sixteen teachers were submitted to the questionnaire, being equally divided by school systems. Aspects such as age, academic background and working experience were taken into account. The survey, in addition to providing the required answers, still brought us some questions, which leads us to reflect on the functioning of the educational practices adopted by the school community. A positive factor in this context is the finding that teachers adopt a democratic attitude toward their practices, geared to their students' learning. However, we can not help but reflect on the stance of private educational institutions which legislates in favor of a dominant society and that despite the democratic model adopted by public institutions, we have an education system is still quite fragile.

Key Words: Error. Teaching. Learning.

O erro no processo da aprendizagem

Introdução

O presente artigo teve como objetivo analisar a concepção do erro no processo de aprendizagem, a partir da percepção de professores do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. As informações foram coletadas através de pesquisa de campo em escolas públicas e privadas do município de Campina Grande - PB.

Verificar de forma específica traços do professorado atual em relação ao processo ensino e aprendizagem de seus alunos levou-nos ao seguinte questionamento: os nossos professores ainda estão “presos” ao modelo de educação autoritária, que visa uma avaliação classificatória?

Diante desse processo avaliativo, o erro poderá acarretar ao aluno inúmeros prejuízos, incluídos no campo psicológico que levará ao longo de sua vida formativa e profissional. Ou nossos professores são mediadores no processo ensino aprendizagem, oferecendo em sala de aula atividades produtivas e desafiadoras?

Nessa perspectiva, o foco da avaliação deixa de ser o aluno e cada ação pedagógica passa a ser avaliada constantemente pelo aluno e professor, havendo assim a busca pela superação das dificuldades percebidas. O erro passa a ser encarado como indicador de caminhos para novas investigações.

Para que se chegasse ao objetivo do trabalho, fez-se necessário um estudo conceitual sobre avaliação, formas de avaliação, consequências de uma avaliação, aprendizagem, erro, além da elaboração de questionários com intuito de traçar o perfil de nossos professores com relação ao tema em questão.

Em nossa reflexão sobre avaliação escolar teremos, sim, o aluno como principal sujeito do processo de ensino-aprendizagem, mas não o único a ser avaliado. Ele será um dos elementos desse processo que participará da avaliação. Participará de diferentes formas em diferentes momentos. Mas antes de pensarmos em avaliar o aluno, é necessário que pensemos em avaliar de uma maneira mais global, envolvendo tudo e todos que participam do processo educacional que acontece na escola.

(série de Estudos – Educação a Distância – Um Olhar sobre a Escola – 2000, p. 77).

1- O que vem a ser avaliação

Quando falamos em avaliação, vêm à mente os seguintes questionamentos sobre o desempenho de nossos alunos: erros, acertos, notas, aprovação, reprovação, sucesso, fracasso, prêmio ou castigo. Todo o processo sobre avaliação recai sobre o aluno, mas será ele o único agente nesse processo? O aluno precisa realmente ser avaliado e desta forma acompanhar seu aprendizado, porém os outros envolvidos no processo da aprendizagem dos alunos devem ser avaliados e, se for o caso, repensar sua prática.

A avaliação não deve se restringir apenas a erros e acertos no sim ou no não, desta forma avaliação difere de medir. Medir limita-se a anotar os dados obtidos e avaliação vai mais além, ela engloba sugestões e tomadas de decisões para saber se aquela prática está adequada ao processo de aprendizagem ou se há necessidade de modificá-la. O professor, quando avalia, adota um modelo de avaliação que é construído a partir de teorias da educação, que traduzem o modelo de pessoas em que a sociedade quer formar.

1.2 Modelos de avaliação

Modelo tradicional de avaliação apresenta algumas características:

- Preocupação com os resultados: utiliza o aspecto quantitativo, instrumento de medida.
- Aluno como único responsável pelos resultados alcançados, dando pouca ou nenhuma atenção à avaliação, além de outros elementos que constituem o processo avaliativo.
- Preocupação com aprovação ou reprovação.

O modelo tradicional de avaliação está voltado para uma avaliação classificatória, onde o professor com toda a sua autoridade, é o único dono do saber na sala de aula e os alunos acatam suas verdades. Os recursos utilizados são os livros e apostilas adotadas pelo professor. O sucesso dos alunos recai sobre os acertos, sendo estimulada a competição, o importante é que os alunos procurem obter sempre graus mais altos, sem procurar refletir se realmente houve a aprendizagem.

Modelo democrático ou participativo tem como características:

- Aspectos qualitativos da avaliação;
- Avaliação é tida como um processo e não apenas um produto;
- Participação de todos os envolvidos no processo educativo;
- Maior desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, focalizando mais o sucesso escolar do que a reprovação;
- Avaliação de todos os que participam do processo educativo escolar e não apenas a avaliação do aluno;
- Mudança na concepção de avaliação visando incorporação das características anteriores.

O modelo democrático ou participativo está voltado para uma avaliação diagnóstica, saindo de uma concepção mecanicista da educação para uma concepção sociointeracionista, que passa a ver o aluno como sujeito de sua aprendizagem. Segundo Vygotsky (1991 a, 1991b, 1993, 1995) todo indivíduo tem um nível de desenvolvimento real, isto é, o que o indivíduo é capaz de fazer sozinho- conhecimento já adquirido; e o nível de conhecimento potencial, isto é, o que podemos aprender. Entre esses dois níveis, encontra-se a zona de desenvolvimento proximal, onde está tudo o que já podemos fazer com ajuda de uma pessoa mais competente. Dentro desse conceito de Vygotsky, o professor passa de transmissor do saber, a mediador no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, cabe ao professor ofertar a seus alunos atividades produtivas e desafiadoras, aquelas em que os alunos tenham problemas a resolver e possam colocar em prática suas experiências e hipóteses sobre o assunto e interagindo simultaneamente com os demais alunos. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser um produto e passa a ser um processo, o foco da avaliação deixa de ser o aluno e sim todos os envolvidos nesse processo.

O erro passa a ser encarado como indicador de caminhos para novas intervenções.

Faz-se necessário, então, a avaliação diagnóstica. Uma avaliação muito mais complexa, já que envolve uma rede de relações em que estão incluídos aquele que ensina e aquele que aprende, com suas histórias de vida e suas formas de pensar, além do contexto escolar com todas as suas ligações, favoráveis ou não. É a avaliação utilizada por quem acredita que a pessoa humana é sempre capaz de crescer.

(série de Estudos – Educação a Distância – Um Olhar sobre a Escola – 2000, p. 74).

1.3. A LDB e a avaliação

Dentro da proposta da LDB-Lei 9.394/ 96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação com relação ao processo avaliativo, em seu artigo 24 inciso V, encontra-se que a avaliação deverá os seguintes critérios com relação ao desempenho escolar do aluno:

A avaliação deverá ser contínua e cumulativa, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os aspectos quantitativos, além da observância dos resultados ao longo do período, além da obrigatoriedade de estudos de recuperação para os casos de baixo rendimento escolar a serem ministrados pelas instituições de ensino.

Dentro dessa perspectiva, a escola deve está organizada para que seja elaborado um plano de avaliação que contemple todas essas práticas. Em algumas escolas já podemos observar um apoio pedagógico neste sentido, porém não se sabe se essa escola, esses professores, tem em mente a verdadeira proposta do processo avaliativo vinculado à aprendizagem do aluno. Para alunos com certo grau de dificuldade, faz-se necessário que a escola e o professor tenham em mente alguns questionamentos: para que avaliar esse aluno e como avaliar, essas são algumas perguntas importantes para que a escola possa elaborar um sistema avaliativo dentro de uma perspectiva democrática de avaliação. Neste sentido, não basta por em prática o que rege a lei sem zelar pela verdadeira aprendizagem do aluno.

1.4. Avaliação sobre a ótica de Jussara Hoffmann e Luckesi

Hoffmann (2005) em suas colocações sobre avaliação defende a questão da avaliação mediadora, que deixa pra trás o grau de aprendizagem do aluno, levando em consideração apoio ao professor e à escola, no sentido de identificar e compreender os limites e possibilidades de seus alunos, de forma a ofertar ações que possam contribuir em seu desenvolvimento. A avaliação mediadora procura observar e provocar o aluno, de forma a perceber a construção para o conhecimento científico e uma avaliação voltada aos aspectos qualitativos, que se dá através de observações dia a dia.

Hoffmann promove alerta para alguns conflitos que recaem sobre a figura do professor e da escola, relacionados à sua prática que incide sobre a aprendizagem do aluno, além do compromisso da escola e do professor lidar e respeitar a diferença de seus alunos. A sala de aula é formada por grupo heterogêneo de alunos, onde nem todos

vivem o mesmo processo de aprendizagem, situação social, emocional e afetiva, onde tudo isso deve ser observado e trabalhado dentro da escola, de forma a procurar solução no processo de aprendizagem nesse aluno. “Muitos professores se queixam, nas últimas décadas de “dar excelentes aulas” a alunos que, “por problemas deles”, nada aprendem” (HOFFMANN, 2005, p.18).

A mesma autora também aborda em seu livro “Avaliação para promover”, que apesar dos discursos voltados para avaliação contínua, ela não é posta em prática, prevalecendo a prática tradicional de avaliação, onde o foco está voltado às normas classificatórias e somativas. Porém, devemos fazer os seguintes questionamentos: qual será o modelo de avaliação que nossa sociedade espera? De um lado a LDB-Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação propõe uma avaliação contínua, onde prevalecem os aspectos qualitativos e de outro o PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação, onde em seu programa Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) traz o ENEM – que tem como proposta avaliar estudantes que saíram do ensino médio para continuidade de sua formação, isto é, uma porta de entrada para o ensino superior. Esse processo vai de encontro a uma avaliação qualitativa, pois seu ingresso é fundamentalmente quantitativo e classificatório. O ingresso ao ensino superior depende de sua nota, que automaticamente interfere em sua classificação, independente das cotas sociais em que o aluno esteja inserido, a teoria contradiz a prática.

Em seu livro O jogo do contrário, Hoffmann (2005) volta a abordar o processo voltando a uma avaliação mediadora, onde o professor deve trabalhar melhores oportunidades de promover o desenvolvimento do aluno, a partir dos desafios intelectuais. Não se pode dizer que se avaliou porque observou algo do aluno ou apenas por avaliação de tarefas enfatizando erro e acerto, deve haver uma intervenção constante por parte do professor. Devemos avaliar nosso aluno um por um, com isso pousar nosso olhar sobre a sala de aula como um todo. Sabemos que não é tarefa fácil dentro de um contexto de mais de 35 alunos e de conteúdos a serem trabalhados. Diante dessa infinidade de afazeres, poucos alunos se destacam aos nossos olhos sempre aqueles mais aplicados ou os mais bagunceiros, porém a grande massa fica para trás desprovidos de nossa atenção, sem avaliarmos seu verdadeiro grau de aprendizagem. Não é uma tarefa fácil, mas deve ser construída pelo professor, junto com escola, aluno e sociedade.

As escolas que adotam o regime não seriado têm mais facilidade de acompanhar longamente o aprendizado de seu aluno, existe posicionamentos contrários a esse tipo

de regime pelo fato de acharem que as tarefas avaliativas serão abolidas, onde irá existir uma flexibilidade nos processos avaliativos e menos exigências, tanto por parte do professor quanto do aluno. Porém, como ponto positivo, o regime não seriado retoma a autoestima do aluno, além de facilitar uma avaliação contínua e mediadora. Uma coisa é certa, independente de o regime ser o seriado ou não, deve existir um trabalho em equipe dentro da escola, para que haja uma cooperação com relação à avaliação do aluno na medida em que ele passa para os próximos níveis.

É muito importante que as escolas desenvolvam uma forma de avaliação que possa acompanhar a vida acadêmica de seus alunos, anotando o cotidiano dos mesmos, seja através de cadernetas, portfólios e dossiês, onde deve conter suas dificuldades, histórias de vidas e atividades significativas que possam contribuir para um futuro diagnóstico do aluno.

Luckesi (2010) aborda questões referentes à avaliação escolar aplicada e esperada hoje pelas escolas, professores, pais e alunos, que apesar de todos os discursos e inovações sobre o tema, a escola ainda aplica o modelo conservador. O autor ainda faz referência a uma avaliação democrática, que se preocupa pela transformação da sociedade em favor do ser humano.

Apesar de todos os esforços em busca de uma avaliação mais democrática, pais, alunos e escolas ainda têm sua atenção voltada para a promoção, se preocupando com provas, regras, notas para sua inserção em séries posteriores. Professores se utilizam das provas como forma de ameaça e atividades muitas vezes como distribuição de pontos. Para a sociedade, o que prevalece são os resultados gerais, baseados em notas, estimulando a competitividade e não a formação crítica do indivíduo.

Segundo Luckesi (2010), essa prática tem como base a “pedagogia do exame” (LUCKESI, 2010, p. 21), que teve início com algumas práticas pedagógicas que perduram até hoje.

A pedagogia Jesuíta tinha sua atenção voltada às provas e exames, além da presença das bancas examinadoras presentes até hoje. Tudo isso para comprovar o ensino eficiente e a eficácia no aprendizado, dispersando o aluno como ser individual.

A pedagogia comeniana uma atenção especial à figura do professor, além de ser um defensor do medo nos processos de avaliação. Segundo ele, professor pode usar esse excelente meio para manter os alunos atentos às atividades escolares. (LUCKESI, 2010, p. 22).

O medo pode estar diretamente ligado ao erro, pois é através do medo que a sociedade freia os resultados indesejáveis. Com isso, todos os envolvidos no processo educacional se utilizam desse mecanismo como forma de controle. Desta forma, o aluno que pratica o erro no processo avaliativo pode ser tratado de forma excludente, trazendo com isso alguns malefícios no decorrer de sua formação, tanto acadêmica como pessoal. É visível que o medo pode acarretar nas pessoas submissão, além de sérios fatores que podem comprometer seu bom funcionamento físico e mental.

A função pedagógica da avaliação seria ajudar o aluno na construção da aprendizagem satisfatória; uma vez que ela está centrada em exames secundariza essa função, não contribuindo para uma melhoria na aprendizagem.

Com relação a questões psicológicas, esse controle pode recair de forma negativa perante o educando, deixando-o submisso, sem conseguir desenvolver seu potencial crítico diante das questões e situações de mundo.

Diante dessas situações polêmicas, podemos perceber, mesmo que timidamente, alguns processos avaliativos mais independentes entre professor e aluno, uma mediação maior, em que o professor procura mediar o processo ensino e aprendizagem deixando de lado a figura autoritária, claro que esse processo deve partir do consenso e práticas pedagógicas adotadas pela escola.

A avaliação da aprendizagem hoje adotada no Brasil traz fortes indícios das ideias implantadas com a revolução francesa, está a serviço de uma pedagogia dominante, intensificada como modelo social liberal conservador. No início, a burguesia revolucionária utilizou-se das camadas populares para conseguir suas conquistas diante do clero e a nobreza dominante da época, em seguida diante de suas conquistas instalou-se no poder, tornando-se conservadora de forma a garantir todos os benefícios trazidos a essa sociedade burguesa. Diante desse modelo liberal conservador da sociedade, produziu-se três pedagogias diferentes, porém com um aspecto em comum entre elas, o de preservar a sociedade e suas configurações (LUCKESI, 2010).

A pedagogia tradicional, centrada na transmissão de conteúdos e na figura do professor; a pedagogia renovada ou escola novista, centrada na espontaneidade de produção do conhecimento e no aluno com suas diferenças individuais e a pedagogia tecnicista, centrada nos meios técnicos de transmissão de conteúdos (LUCKESI, 2010).

Em oposição à prática social liberal conservadora, vem surgindo outro modelo, que vai além da formalidade da lei, abrangendo também as práticas sociais. A este modelo chamamos de pedagogia libertadora, tendo como seu principal inspirador Paulo

Freire. Essa pedagogia tem como característica a emancipação das camadas populares, através de sua conscientização cultural e política de mundo que vai além dos limites da escola. Temos também a chamada pedagogia libertaria, ela é antiautoritária, centrada na ideia em que a escola é um lugar de conscientização política dos educandos e por último a pedagogia dos conteúdos socioculturais, centrada na ideia de igualdade e oportunidade para todos no processo de educação. (LUCKESI, 2010).

Poderíamos resumir estes dois grupos de pedagogia entre aquelas que, de um lado têm por objetivo a domesticação dos educandos e, de outro, aqueles que pretendem a humanização dos educandos (FREIRE, 1975).

Esse novo modelo que se opõe à avaliação escolar dentro do modelo conservador, leva a uma maior autonomia do educando, superação do autoritarismo, exigindo a participação democrática de todos. Nesse sentido, a avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico e não uma forma disciplinar da aprendizagem.

Avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações referentes à realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (LUCKESI, 1978). Juízo de valor, porque se relaciona a aspectos qualitativos; manifestações relevantes da realidade, porque leva em consideração a realidade em que o indivíduo está inserido e seus aspectos sociais; e a tomada de decisão aborda o julgamento de valor, que neste aspecto o professor deve estar bem consciente de seu papel e de suas práticas para que possa emitir determinado parecer, além da possibilidade de intervenção. Porém Luckesi (2010) faz duras críticas a esse julgamento de valor, onde deveria possibilitar novas tomadas de decisões sobre o objeto avaliado, passa a ter uma visão estática do ser histórico, passando a analisá-lo como um padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista da aprendizagem, os alunos são classificados em inferior, médio ou superior, classificação essa que são registradas e transformadas em números, desta forma o ato de avaliar não serve como uma prática do pensar no aprendizado do aluno e sim um meio de julgar.

Percebemos que, tanto Luckesi quanto Hoffman, em suas colocações quanto à avaliação reprovam a avaliação classificadora e quantitativa. Faz-se necessária uma mediação entre professor e aluno, de forma a identificar suas fragilidades no processo de aprendizagem, utilizando assim a construção de avaliação diagnóstico para o aluno, de forma a ajudá-lo a superar suas fragilidades no processo de aprendizagem. A avaliação qualitativa deve prevalecer sobre a avaliação quantitativa, além disso, na avaliação democrática também deve prevalecer sobre a avaliação classificatória. Para

isso, o professor deve definir ou redefinir suas práticas, isso exige do professor um grau maior de experiência e maturidade de forma a deixar de lado velhos preconceitos e mitos de que professor bom é aquele que reprova ou atribui notas baixas. Professor bom é aquele que ajuda no processo de formação e de capacitação de seu aluno, ajudando-o na construção de suas competências, crescimento, autonomia e desenvolvimento de seu senso crítico, possibilitando, desta forma, assimilar os conteúdos e desenvolver suporte para mudar uma realidade de agente passivo de mundo, tornando-o ativo em sua construção.

Sabemos que as questões voltadas à avaliação são bastante complexas e abrangentes, muitas vezes a teoria não se realiza em conformidade com a prática. Mas para que alguns erros ou equívocos praticados pelos docentes sejam mitigados ao longo do processo avaliativo, faz-se necessário um maior preparo do profissional, que inclui o seu comprometimento com a aprendizagem de seu aluno. O professor, para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, deve ter como característica, instrumentos necessários para o desempenho de suas funções, além da capacidade de problematizar, interagindo com seus alunos e refletindo sobre suas práticas. Para isso, deverá esse professor estar sempre se qualificando, a fim de desenvolver com seus alunos situações voltadas à aprendizagem.

Com isso, não se pode falar em avaliação deixando de lado a aprendizagem do aluno, que por sua vez consiste em um processo articulado com a construção da subjetividade, envolvendo elementos cognitivos, afetivos, críticos, lúdicos, sociais e físicos. (série de Estudos – Educação a Distância – Um Olhar sobre a Escola – 2000, p. 23).

Segundo Luckesi (2010), o desenvolvimento do educando significa a formação de suas convicções afetivas, sociais, políticas, significa o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e habilidades psicomotoras. A aprendizagem surge de necessidades e desafios específicos que o ser humano vem enfrentando ao longo do tempo, nos mais variados campos e espaços, sejam eles geográficos, sociológicos ou psicológicos. Ao produzir conhecimentos, o ser humano vai se tornando hábil. As habilidades consistem em modo de agir e fazer, demonstrando que os conhecimentos transmitidos tornaram-se realmente seu. Em virtude de a aprendizagem mexer amplamente com todos os aspectos do indivíduo, desde os aspectos físicos até os emocionais, deve-se ter uma maior responsabilidade em se trabalhar todos os conteúdos e processos avaliativos de forma a não prejudicar o aluno ao longo de sua formação. “A

retenção reflexa e estática de um conhecimento não faria de um educando um hábil utilizador desse conhecimento.” (LUCKESI, 2010, p. 127).

As funções cognitivas devem ser construídas e exercitadas sistematicamente, mediante interferências, generalizações, comparações, provocações, análises, sínteses, críticas, estruturações lógicas, entre outras. Neste caso, o aprendizado não estará voltado exclusivamente ao armazenamento de conteúdos e sim ao uso que se faz dessas informações, de forma a contribuir para a transformação do aluno e seus progressos.

Segundo Freire, em seu método de alfabetização, não ensinava a repetir palavras, não se restringia a desenvolver no aluno a capacidade de pensá-las segundo a existência lógica do discurso abstrato, isto é, voltado apenas à absorção dos conteúdos. Ele vai muito além, onde coloca o alfabetizando em condições de poder com capacidade de re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, isso sim faz valer o verdadeiro sentido da aprendizagem (FREIRE, 2011 p.17).

Libâneo (1994) aponta a aprendizagem como um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental e a aprendizagem escolar é vista como uma atividade planejada, institucional e dirigida, não sendo em hipótese alguma casual ou espontânea.

Kuethe (1974) vem defender que muitas vezes por fatores externos não são capazes de mostrar o que realmente o aluno havia aprendido. Há, portanto fatores de personalidade que interagem com o desempenho e reduzem a validade da aprendizagem em certas situações. Aborda em diferenciar aprendizagem de desempenho, onde determinados conteúdos podem não ser motivadores para determinado aluno, conseqüentemente naquele momento pode ter seu desempenho prejudicado. Faz referência a situações do ensino em que nos deparamos com os seguintes questionamentos: por que devo aprender isto? Onde irei utilizar esse conteúdo? Muitas vezes o exagero de conteúdos propostos na base curricular das escolas, em alguns casos desnecessários, vem desfavorecer o processo de aprendizagem do aluno, refletindo desta forma em sua avaliação. O autor faz alguns questionamentos quanto ao ensino de História, focando o método decorativo das datas.

Eu vou ser engenheiro: para que preciso estudar História e decorar um montão de datas? Esperamos que o estudante esteja enganado quanto a maneira pela qual se ensina História, mas este fato permanece: ele sabe que sua tarefa é aprender e que receberá notas de acordo com o que tiver aprendido. Essa atitude do estudante não é de modo algum injustificada quando consideramos quantas vezes uma pessoa é solicitada a aprender conteúdos que, com toda probabilidade, não guardará por muito tempo na memória. (KUETHE, 1974, p. 191).

Diante dos fatos, busca-se identificar, junto aos professores das séries iniciais, sua concepção sobre processo avaliativo e como ele trata o erro de seus alunos junto ao processo de aprendizagem dos mesmos.

2- O erro

Segundo Luckesi (2010), o erro surge no contexto da existência de um padrão considerado correto. Neste caso, o erro é considerado quando existe um padrão considerado correto de resolver determinada situação; se não existir uma norma padrão, não haverá erro. O erro é fundado dentro de regras e padrões, algumas vezes ditados por nossa sociedade. O erro é considerado uma ação insatisfatória, no sentido de que não se atinge determinado objetivo. “Essa ideia de erros é defendida há anos, inclusive a ciência utiliza-se desse conceito quando trabalha o método da “tentativa” do acerto ou do erro”. (LUCKESI, 2010, p. 54).

A ideia de erro está frequentemente associada entre os educadores com deficiência ou fracasso escolar, onde muitas vezes para resolver esses problemas, professores fazem uma correção coletiva entre os alunos, sem diagnosticar a verdadeira dificuldade do aluno; sem falar nas práticas ultrapassadas, onde se utilizam as canetas vermelhas como forma de chamar atenção e punir seus alunos.

A falta de preparo da organização escolar, metodologias e didáticas aplicadas pelos professores, consistem em outro motivo relevante que contribui para o fracasso e a não permanência do aluno na escola. (LIBANEO, 1994).

Erros e acertos podem mudar de sentido quando buscamos atender a satisfação de uma necessidade, neste caso deixa de existir uma forma padrão que garanta um julgamento do que é certo ou errado. Passando o acerto a ser denominado de resultado satisfatório, quando aprende positivamente uma determinada situação e o erro de não satisfatória; neste sentido quando diz respeito ao que ainda não se aprendeu de modo satisfatório, nesse caso não existe erro, pois não existe uma norma padrão como referência.

No caso da aprendizagem escolar, o erro está presente, uma vez que existe um padrão de conhecimento. Porém esse erro deve ser visto como parte do processo da aprendizagem, buscando dos alunos suas causas e ajudá-los a superar suas dificuldades.

Luckesi (2010, p. 56) defende o erro como uma virtude e parte do processo de aprendizagem; atribui ao mesmo um indicador de que ainda não se chegou a uma

solução necessária para resolver determinada situação. Deve-se passar o erro como forma positiva, contribuindo de forma a manter a autoestima do aluno, para que o mesmo avance nas soluções pretendidas. “Por que desistir agora, se já sabemos muitos modos de como não fazer uma lâmpada? Estamos mais próximos de saber como fazer uma lâmpada” (LUCKESI, 2010, p. 56).

O erro da aprendizagem surge a partir de um padrão de conduta cognitiva ou prática já estabelecida pela ciência, serve como avanço do aluno no momento em que é identificado, compreendido e superado.

O erro passa a ser visto como virtude ou crescimento, quando procuramos compreender o erro do aluno na sua constituição e origem. Reconhecendo a origem de um erro, podemos superá-lo, trazendo desta forma benefícios significativos ao crescimento do aluno.

O erro, quando ligado diretamente à culpa e ao castigo, consiste em uma visão ultrapassada, que nos remete a uma avaliação voltada aos moldes tradicionalistas. Sobre o insucesso ou erro não se pode atribuir culpa ou castigos e sim retirar deles benefícios, de forma a contribuir com a superação das dificuldades, seja ela no campo cognitivo, afetivo e psicológico, contribuindo dessa forma com o crescimento do aluno.

Dentro de uma proposta psicopedagógica, o erro é visto como uma forma de se valorizar a possibilidade do aluno em aprender e a inserção da não aprendizagem como parte do processo. Toma como base uma postura construtivista, em que nada está pronto e nem acabado.

Os erros podem ser divididos em erro construtivo e erro sistemático, em que o erro construtivo surge dentro do processo de redescoberta ou reinvenção do conhecimento e que o indivíduo abandona essa conduta posteriormente no decorrer da aprendizagem. Já os erros sistemáticos consistem naqueles que resistem após as intervenções, limitando ao indivíduo suas possibilidades de aprendizagem. Neste caso, pode surgir a necessidade de intervenção por parte do professor em buscar ajuda aos profissionais envolvidos no processo educacional, a fim de dar suporte a este aluno, de forma a identificar as causas que levam o aluno a estar inserido dentro daquele contexto. Mais uma vez fica sobre a responsabilidade dos professores saber em que nível de desenvolvimento encontra-se seu aluno com relação aos conteúdos dados e seu processo de assimilação, de forma a evitar diagnósticos precipitados e julgamentos falsos.

Hoffmann (2001), com relação a certo ou errado, define que não existe parada ou retrocesso com relação aos caminhos para aprendizagem, todos estão sempre

evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos únicos. É preciso trabalhar com as diversidades e acompanhar a construção do conhecimento, tomando como base essa diversidade. A busca por uma avaliação de precisão pode trazer para o aluno conclusões precipitadas que venham a desfavorecer o mesmo, desta forma uma visão qualitativa vem relativizar erros e acertos perante a avaliação de seu aluno.

Não há certos e errados que deem conta de todas essas dimensões. Uma resposta certa pode não ser completa. Uma expressão mal empregada pode ser a tentativa de enunciar uma ideia importante (HOFFMANN, 2001, p. 48).

Hoffmann (2001) defende que os erros são naturais ao processo da aprendizagem, eles apresentam momentos tão significativos quanto aos acertos, à medida que os levam a autocorreção, favorecendo a tomada de consciência e conseqüentemente sua superação. Deve prevalecer a análise qualitativa sobre as atividades de seus alunos onde cada resposta poderá existir uma série de considerações, deve-se levar em consideração o nível de conhecimento do aluno, se o mesmo ainda se encontra no processo de construção do conhecimento, neste caso o erro não deve ser tomado como absoluto, cabendo ao professor uma reflexão- ação que poderá resultar em novas alternativas pedagógicas.

Hoffmann (2001), em seu livro “Avaliação para Promover”, aborda questões relativas à correção de tarefas, onde faz crítica com relação à exposição ao aluno sobre os critérios de avaliação adotados pelo professor, não podendo antecipar ao estudante os objetivos e competências a serem alcançadas. Desta forma, os objetivos necessários a serem atingidos serão descobertos pelo aluno no processo ação-reflexão- ação. O aluno não deve necessariamente alcançar de imediato o objetivo de determinada tarefa, mas sim ao longo do tempo, através de um conjunto de procedimentos e reflexões.

Concorda-se que o aluno pode levar determinado tempo até atingir ou desenvolver determinada tarefa, inclusive levando em consideração o nível de conhecimento que este aluno tenha alcançado, porém discorda-se em relação à questão de se conhecer os critérios de avaliação e os objetivos desejados, claro que o grau de maturidade do aluno deve ser levado em consideração. A partir do momento em que o aluno tem conhecimento dos objetivos a serem alcançados, ele assume o compromisso com seu crescimento.

Alguns pontos devem ser levados em consideração quanto à elaboração das tarefas avaliativas, de forma a trazer para o aluno resultados justos, desta forma o professor, ao desenvolver questões, deve procurar:

- Clareza, evitando ambiguidades;
- Preocupar-se em manter os níveis de dificuldade de acordo com o nível de seus alunos;
- Procurar escrever os itens de tal maneira que um deles não forneça indício ou confunda a resposta com o outro;
- Evitar interdependência de uma questão com a anterior.

Existe uma concordância entre os autores com relação à abordagem do erro no processo de aprendizagem do aluno, onde o mesmo está inserido como parte integrante do processo de aprendizagem, o qual servirá para melhorar sua prática, visando desta forma adequá-la à necessidade e compreensão do aluno. Quando o professor passa a identificar o erro como ferramenta importante no processo avaliativo, ele consegue ajudar seus alunos a superar desafios.

É importante destacar a importância de uma equipe técnica que dê suporte aos professores, para que possam trabalhar com aqueles alunos em que os erros sistemáticos venham a persistir, conseqüentemente tendo baixo aproveitamento escolar. Nossa realidade educacional ainda não consegue desenvolver com clareza uma política que torne a escola capaz de contribuir e superar os problemas de aprendizagem, cujos fatores vão mais além que a simples prática pedagógica, envolve aspectos econômicos, sociais, emocionais, afetivos, culturais, entre outros.

Quando um aluno apresenta dificuldade na aprendizagem, nem sempre tem algum tipo de deficiência no campo cognitivo, na verdade existem outros fatores que precisam ser identificados e trabalhados com o intuito de sanar determinado problema. Porém, grande parte de nossos professores não está preparada e nem tem formação para diagnosticar problemas relacionados à aprendizagem, desta forma deve haver dentro das escolas ou uma equipe indicada pela mesma, de forma a dar suporte ao aluno e à família desse aluno, para que juntos possam diagnosticar o que leva esse aluno a ter dificuldade com relação à aprendizagem.

Referencial metodológico

O presente artigo tem como objetivo analisar a concepção do erro no processo de aprendizagem, a partir de respostas fornecidas por professores, através da aplicação de questionários, além de traçar o perfil desses profissionais na cidade de Campina Grande – PB, com relação ao ensino e aprendizagem de seus alunos. Foram coletados dados de professores tanto da rede pública municipal de ensino, quanto da rede privada, focando perguntas relacionadas à avaliação, o erro dentro do processo avaliativo e à aprendizagem. O questionário foi aplicado a 16 professores, 8 pertencem à rede pública e 8 à rede privada de ensino, divididos em quantidades iguais de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. Além das questões, o questionário menciona dados com relação à idade do professor, formação, tempo de atuação na área e turmas que leciona. Com relação às questões foram abordados os seguintes itens:

1. O que você entende por avaliação?
2. Sua escola tem um plano de avaliação?
3. Como se dá o processo avaliativo em sua escola?
4. Professor, dentro do processo avaliativo você atribui nota a seus alunos?
5. Professor, você já se deparou em situações em que houve a necessidade de ajustar suas práticas pedagógicas com a finalidade de promover melhoria nas condições de aprendizagem de seus alunos? Se sim, o que levou a essa mudança?
6. Professor, como você lida com os erros de seus alunos dentro do processo avaliativo?
7. Professor, dentro de sua sala de aula, tem como avaliar seu aluno um a um emitir o diagnóstico real sobre o aprendizado do mesmo? E o histórico desse aluno é acompanhado ao longo de sua vida acadêmica dentro da escola?
8. Como a sua escola lida com alunos que têm baixo índice de aproveitamento?
9. Aborde questões relativas a programas de apoio até promoção.

Com base nas respostas fornecidas, traçou-se um diagnóstico por rede de ensino e em seguida um diagnóstico generalizado, onde foi abordada a questão do erro no processo de aprendizagem, avaliação tradicional e democrática, qual delas prevalece em nossa cidade, além de algumas interferências e questionamentos que surgiram.

Análise dos dados

1. Diagnóstico da escola pública municipal

Perfil dos profissionais entrevistados

Os profissionais que responderam ao questionário tinham idade entre 27 a 51 anos; grau de formação graduação em andamento, graduação concluída e pós – graduadas; tempo de atuação variando entre 03 a 28 anos.

Quando questionadas sobre **o que é avaliação**, três das oito professoras entrevistadas respondem de forma generalista, que a avaliação está vinculada à aprendizagem, vista como uma forma de medir o conhecimento. Estas tinham idade entre 27 e 33 anos, formação pedagógico superior em andamento e licenciatura em pedagogia, tempo de atuação entre 3,4 e 12 anos.

Uma das oito professoras entrevistadas também respondeu de forma generalista, mas se coloca como parte responsável desse processo, chama para si a responsabilidade. Esta tem idade 51 anos, formação pedagogia e pós-graduação, tempo de atuação 28 anos.

Outra das oito professoras entrevistadas respondeu que avaliação está vinculada a um processo de reflexão e observação que tem como objetivo o desenvolvimento do aluno. Esta tem idade 51 anos, formação pedagogia e pós-graduação, tempo de atuação 20 anos.

As demais, além de mencionar que avaliação faz parte de um processo contínuo, visa identificar os avanços e dificuldades dos alunos, de forma a planejar novas ações. Estas têm idade entre 30 e 40 anos, todas pós-graduadas e com mais de 10 anos de atuação.

Quando questionados sobre **se sua escola tem um plano de avaliação**, todas foram unânimes em responder que sim, porém duas das entrevistadas complementaram que o plano de avaliação de sua escola segue o plano de avaliação determinado pela Secretaria de Educação do Município de Campina Grande-PB, fundamentada na proposta de ciclo realizada por meio de diagnóstico.

Com relação à pergunta **como se dá o processo avaliativo em sua escola**, uma das oito professoras entrevistadas informou que o processo avaliativo de sua escola se dá através de relatórios.

Duas das professoras entrevistadas abordaram que o processo avaliativo de sua escola é dado através da proposta de ciclo, onde uma das entrevistadas complementa

que a avaliação é feita de forma contínua, onde é realizado um diagnóstico semestral do aluno e vai mais além, quando informa que a progressão se dá de forma automática no primeiro ciclo, podendo haver retenção só no último ciclo.

As demais entrevistadas informaram que o processo avaliativo é realizado de forma contínua, através da observação de atividades realizadas pelos alunos.

Com relação à pergunta **Professor, dentro do processo avaliativo você atribui nota a seus alunos?** Todos responderam que é atribuído conceito, onde é realizado um diagnóstico deles, anotados em caderneta informando o que foi absorvido pelos mesmos ou não. No diagnóstico encontra-se em que nível de desenvolvimento a criança está, domínio de competência, aluno necessitando de acompanhamento, entre outras informações.

Três das professoras, ao serem questionadas, através de minha intervenção, sobre a progressão automática, da não retenção nesta fase, responderam que algumas vezes o aluno passar sem ter tido o aproveitamento necessário para o outro nível, deixando o problema para os próximos professores.

Com relação à pergunta **se o professor já se deparou em situações em que houve a necessidade de ajustar suas práticas pedagógicas com a finalidade de promover melhoria nas condições de aprendizagem de seus alunos**, três das entrevistadas informam que sim e respondem como causa sua evolução profissional.

Já as demais informaram que sim e que essa mudança esteve associada a atender o nível de desenvolvimento não satisfatório de alguns alunos.

Com relação a como **o professor lida com os erros de seus alunos dentro do processo avaliativo**, três das professoras abordadas procuram analisar os erros de forma geral, refazendo as principais questões que levaram o aluno a errar; uma delas ainda complementa que esses erros vão servir como base a ser traçada novas estratégias para melhoria do rendimento de seus alunos.

As demais abordam a questão do erro como fator de diálogo (mediação) entre os alunos, de forma que eles percebam o que levou a prática daquele erro e sua posterior superação. Uma delas ainda foi além, quando disse que corrigir o erro e ensinar o aluno a pensar sobre ele é uma de suas maiores riquezas que vem a favorecer dessa forma sua aprendizagem.

Com relação à pergunta **dentro de sua sala de aula, tem como avaliar seu aluno um a um emitir o diagnóstico real sobre o aprendizado do mesmo? E o histórico desse aluno é acompanhado ao longo de sua vida acadêmica dentro da**

escola? Uma das entrevistadas informa que não tem como avaliar um a um, pois as turmas possuem diversidade de níveis e a maneira de avaliar é pelo que a maioria da turma mostra e fazer uma adaptação de atividades para os mais “fracos”, porém o histórico de cada aluno é anotado em caderneta para que outros professores tenham acesso.

Outra informa que tem como se fazer uma avaliação diagnóstica, que mostra em que nível de aprendizagem a criança se encontra; a partir desse diagnóstico é dado suporte para o que a criança necessita. Na ficha de cada aluno é registrado o diagnóstico final, que pode ser verificado por posteriores professores.

Duas das oito entrevistadas informaram que não é uma tarefa fácil, mas tem como avaliar o aluno e emitir diagnóstico do mesmo que pode ser acompanhada por outros professores e servir de suporte para tornar mais significativas suas práticas educacionais.

Os demais resumem apenas a informar que tem como se emitir um diagnóstico de cada aluno.

Com relação à última pergunta **Como a sua escola lida com alunos que têm baixo índice de aproveitamento**, foi mencionado pelos entrevistados o programa Mais Educação, que vem dar suporte a melhoria do rendimento do aluno, aulas de reforço, que muitas vezes esbarram com o fator limitante tempo, interesse do aluno e de sua família, além da ajuda dos profissionais da área técnica (psicólogos, orientadores, supervisores e assistente social).

Concluimos que a percepção do erro no processo de aprendizagem construída por professores da rede pública municipal da Cidade de Campina Grande- PB em sua minoria ainda associa o erro sob o ponto de vista generalista, onde prevalece a autocorreção, sem apontar como foco a tomada de consciência por parte de seus alunos sobre aquele erro. Mas em sua maioria veem o erro como fator positivo e parte integrante do processo de aprendizagem. Mencionam a importância da mediação no processo de correção, de forma a identificar sua origem com intuito de superá-lo. Outro ponto abordado com relação ao erro no processo de aprendizagem consiste na mudança das práticas pedagógicas, que em sua maioria está associada a atendimento do nível não satisfatório de alguns alunos. Percebeu-se também que quanto maior a idade, nível de escolaridade e tempo de atuação, maior é a tomada de consciência por parte do professor com relação ao processo avaliativo, levantando, mais uma vez, a questão do professor qualificado.

Quanto aos demais aspectos do profissional da rede pública de ensino, eles seguem um modelo de avaliação estabelecido pela rede municipal, onde prevalece o modelo democrático e participativo, focando a avaliação diagnóstica, onde a mesma é realizada de forma contínua.

A rede municipal de Campina Grande toma como base o sistema de ciclo, porém a questão da flexibilidade diante desse processo é levantada como preocupação por parte de alguns professores entrevistados, onde nem todos os alunos encontram-se no mesmo nível de aprendizagem necessária para ser inserido em outro nível e mesmo assim não podendo ser retido, repassando o problema para o outro professor. O diagnóstico individual por aluno é realizado pelos professores, onde se encontram as competências alcançadas e suas fragilidades de forma a auxiliar os demais professores. Quanto aos alunos com baixo índice de aproveitamento, a rede oferece programas de apoio que incluem reforço escolar, programas governamentais e apoio técnico, porém em alguns casos não há evolução por fatores externos.

2. Diagnóstico das escolas particulares

Perfil dos profissionais entrevistados

Os profissionais que responderam ao questionário tinham idade entre 25 a 47 anos; grau de formação graduação em andamento, graduação concluída em pedagogia, tempo de atuação variando entre 02 a 20 anos.

Quando questionadas sobre **o que é avaliação**, três das oito professoras entrevistadas respondem que está relacionado com o processo de aprendizagem de seu aluno, verificando o que foi aprendido por ele. Estas tinham idade entre 25 e 47 anos, formação pedagógico, superior em andamento e licenciatura em pedagogia, tempo de atuação entre 5 e 20 anos.

Outras três professoras entrevistadas respondem que avaliação consiste em um processo pelo qual se observa seus progressos e dificuldades no processo da aprendizagem, uma delas ainda complementa que esse processo serve de suporte para avaliação de sua prática pedagógica perante seus alunos. Estas tinham idade entre 27 e 39 anos, formação pedagógico, superior em andamento e licenciatura em pedagogia, tempo de atuação entre 2 e 10 e 15 anos.

As demais associam avaliação como um processo contínuo, que serve de suporte para detectar dificuldades dos alunos com intuito de saná-las, bem como saber se a metodologia aplicada pelo professor está surtindo efeito.

Quando questionadas sobre **se sua escola tem um plano de avaliação**, apenas uma das entrevistadas não respondeu, enquanto as demais informaram que sim.

Com relação à pergunta **como se dá o processo avaliativo em sua escola**, todas as professoras mencionam a questão das provas dentro do processo avaliativo como forma de medir a aprendizagem de seus alunos. Quatro das professoras entrevistadas ainda complementaram que além das provas o aluno é avaliado de forma contínua por sua assiduidade, participação nas aulas e tarefas realizadas, tanto as encaminhadas para casa, quanto as realizadas em sala.

Com relação à pergunta **Professor, dentro do processo avaliativo você atribui nota a seus alunos?** Cinco das professoras entrevistadas informam que atribui notas ao processo avaliativo de seus alunos, enquanto as demais além de atribuir notas utilizam conceitos em atividades complementares de forma a ser integrada ao resultado geral do aluno.

Com relação à pergunta **se o professor já se deparou em situações em que houve a necessidade de ajustar suas práticas pedagógicas com a finalidade de promover melhoria nas condições de aprendizagem de seus alunos** uma das entrevistadas informou que sim e um dos motivos que levou à mudança em suas práticas foi atender às necessidades de seus alunos.

Outras duas também informaram que sim, além de complementarem que esses ajustes se devem à melhoria na assimilação dos conteúdos e melhoria na dinâmica das aulas.

Três delas associaram esses ajustes como formas de melhorar sua metodologia, exercendo uma auto-avaliação.

As demais não responderam de forma clara e quando responderam não justificaram; uma delas em sua resposta informou que sempre foi bem sucedida em suas práticas, dando a entender que não houve necessidade de mudança.

Com relação a como **o professor lida com os erros de seus alunos dentro do processo avaliativo**, uma das entrevistadas chamou a atenção do aluno com relação ao erro, pedindo para que o aluno descubra e corrija.

Três encararam o erro como um processo do aprendizado, onde duas delas encararam o erro como melhoria desse processo e visto como algo construtivo. Já outra,

além de mencionar parte da aprendizagem, traz expressões do tipo “aceitação” e “compreensão”.

Outra encara o erro de seus alunos com flexibilidade, procurando diagnosticar as deficiências de seus alunos e retirada das dúvidas.

As demais, de forma mediadora juntos com seus alunos, procuram encontrar a resposta correta.

Com relação à pergunta **dentro de sua sala de aula, tem como avaliar seu aluno um a um emitir o diagnóstico real sobre o aprendizado do mesmo? E o histórico desse aluno é acompanhado ao longo de sua vida acadêmica dentro da escola?** Cinco das professoras entrevistadas informaram que têm como avaliar seus alunos individualmente, emitindo um diagnóstico real, porém duas delas informaram que isso só é possível pelo fato de se trabalhar com turmas menores.

Uma das oito informou que tenta chegar a emitir o diagnóstico mais real possível sobre seus alunos, mas em alguns casos ficam a desejar.

Duas delas informaram que não têm e uma justificou que turmas numerosas dificultam o processo. Já a outra chamou a atenção pelo fato de sua escola ser pautada por uma avaliação quantitativa, dificultando um diagnóstico real do aluno.

Com relação à última pergunta **Como a sua escola lida com alunos que têm baixo índice de aproveitamento**, quatro das entrevistadas responderam que para ajudar os alunos com baixo aproveitamento aplicam exercícios e aula de reforço.

Três das oito são orientadas a recorrer às famílias como forma de ajudar nessa situação, onde uma ainda complementou, mencionando rotina de reforço, persistindo o problema o aluno é encaminhado para a equipe técnica especializada da escola. Uma delas não respondeu.

Concluimos que a percepção do erro praticado por alunos dentro do processo avaliativo, por parte das professoras da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande é encarado como algo construtivo e parte integrante do processo de aprendizado. Porém, um fato relevante consiste na dificuldade de se realizar um diagnóstico real com relação a seu aluno de forma a detectar possíveis fragilidades que levam o aluno a baixos rendimentos, isso devido à quantidade de alunos por turma.

Isso leva ao seguinte questionamento: os mais aplicados são percebidos, os mais bagunceiros também; e os demais onde ficam? Como forma de atender ao aluno com baixo aproveitamento os professores, em sua maioria, apontam como alternativa aula de reforço, isso vem mais uma vez atestar a necessidade de um diagnóstico real do aluno,

pois seu problema pode estar mais além que um simples reforço, pode estar associado a problemas emocionais, cognitivos, físicos, etc.

Com isso, surge a necessidade de uma equipe técnica qualificada, que dê suporte ao professor nesse aspecto, que pouco foi mencionado pelos entrevistados da rede privada de ensino, isso pode se dever ao fato que não foi levado em consideração a estrutura das escolas, coletadas de forma aleatória, onde existe grau de evolução distinta uma das outras. Percebe-se a presença da família como parte integrante no processo de aprendizagem do aluno, fator este limitante na escola pública, que já não exerce tanta participação junto a esse processo, devido a inúmeros fatores que podem servir como base para estudos posteriores.

Quanto à questão da avaliação, a mesma é aplicada através de provas, onde seu desempenho é expresso por notas. A partir desse contexto, percebemos uma dicotomia entre a postura do professor que se propõe a mudar sua prática pedagógica em prol do aprendizado de seu aluno e a postura adotada pela instituição privada de ensino, que adota uma avaliação classificatória e quantitativa, de forma a atender a demanda da sociedade e do modelo mascarado de nosso sistema nacional de ensino. Modelo este que prega aspectos qualitativos nas avaliações e cobra dos alunos de forma quantitativa, a exemplo seu ingresso nas universidades ou qualquer outra modalidade. Como forma de suplantar a deficiência do ensino público cria cotas, onde na verdade deveria criar mais políticas públicas e investimentos para educação.

Percebe-se que o grau de escolaridade dos professores vem cada vez mais crescendo, deixando de lado o antigo magistério para ingressar nas universidades. Essa ascendência é mais presente entre os professores da rede pública de ensino, o que pode ser justificado por programas de apoio a esses profissionais, que vai desde a graduação até a pós-graduação, além dos constantes programas de aperfeiçoamento. Mesmo com toda a qualificação que vem passando, o profissional da rede pública de ensino, por que os alunos ainda apresentam baixos índices de desenvolvimentos no aprendizado? Questão a ser desenvolvida posteriormente.

CONCLUSÃO

PERFIL PROFISSIONAL

Percebe-se que as práticas adotadas pelos professores giram em torno dos alunos e a preocupação com o seu aprendizado, o erro não é visto como fator limitante e sim parte integrante do processo de aprendizagem. Aquela modelo tradicional, centrado apenas na figura do professor, parece ter sido deixado de lado. Porém essa postura tradicional é aplicada pelas instituições privadas, quando se utilizam de provas e notas como forma de classificar seus alunos, deixando algumas vezes a desejar o acompanhamento real dos mesmos, de forma a identificar suas fragilidades e eventuais correções.

Não podemos deixar de questionar a política adotada pela rede pública de ensino, onde sua filosofia é voltada a uma aplicação democrática de ensino que em muitas vezes não verificamos resultados satisfatórios.

AVALIAÇÃO	
PÚBLICA	PARTICULAR
<ul style="list-style-type: none">• Vinculada à aprendizagem• Processo Contínuo• Processo de Reflexão e Observação de seu aluno	<ul style="list-style-type: none">• Vinculada à aprendizagem• Processo Contínuo• Suporte para uma Possível Mudança de Prática que favoreça a aprendizagem do aluno
COMO SE DÁ O PROCESSO AVALIATIVO	COMO SE DÁ O PROCESSO AVALIATIVO
<ul style="list-style-type: none">• Relatório / Conceito	<ul style="list-style-type: none">• Prova / Notas
COMO LIDA COM OS ERROS DOS ALUNOS	COMO LIDA COM OS ERROS DOS ALUNOS
<ul style="list-style-type: none">• Parte Integrante do Processo de Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none">• Parte Integrante do Processo de Aprendizagem• Encarado de forma natural
MUDANÇA DE PRÁTICA	MUDANÇA DE PRÁTICA
<ul style="list-style-type: none">• Atender a necessidade de seus alunos	<ul style="list-style-type: none">• Atender a dificuldade de seus alunos e favorecer o aprendizado do mesmo
DIAGNOSTICO REAL	DIAGNOSTICO REAL
<ul style="list-style-type: none">• sim	<ul style="list-style-type: none">• Fator Limitante

REFERÊNCIAS

DAVIS, Cláudia; ESPOSITO, Yara Lúcia. **O Papel e função do erro na avaliação escolar. Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, R. bras. Est. pedag. Brasília, 72 (1711:196-206, maio/ago. 1991. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/436/441>> Acesso em: 26 Abr.2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** 50.ed. Reimpressão atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011 p. 253

James I Kuethe- **O processo ensino- aprendizagem.** Porto Alegre: Globo 1974. 191p.

LDB-Lei 9.394/ 96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Libânio, José Carlos, **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. 263 p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, 2010. 180p.

HOFFMAN, Jussara. **O Jogo do Contrário em Avaliação.** 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2007. 192p.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliar para Promover.** 7.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 144p. Série de Estudos – Educação a Distância – Um Olhar sobre a Escola – 2000 p